

## *Os suevos na Crônica de Idácio e nas Histórias de Isidoro de Sevilha<sup>1</sup>*

Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva

Instituto de História da UFRJ  
[leilardrigues@ufrj.br](mailto:leilardrigues@ufrj.br)

e

Profa. Ms. Rita de Cássia Damil Diniz<sup>2</sup>

Doutoranda pelo PPG-HC, UFRJ  
[rita.diniz@terra.com.br](mailto:rita.diniz@terra.com.br)

### **Resumo**

A chegada dos suevos, vândalos, alanos e visigodos na Península Hispânica e a sua relação com o Império Romano e populações locais foram retratadas, embora com objetivos distintos, por dois bispos hispânicos: Idácio de Chaves e Isidoro de Sevilha. O primeiro, contemporâneo dos fatos, reservou uma atenção especial aos suevos. O segundo, Isidoro de Sevilha, dois séculos depois, enfocou um período mais amplo do que o abordado por Idácio, destacando em seu relato as façanhas dos visigodos. Apesar disto, também conferiu alguma atenção aos suevos.

No presente texto, objetivamos verificar o tratamento concedido por ambos aos suevos, com destaque para os aspectos concernentes às atividades de pilhagem e ao relacionamento com o poder romano, visigodos e habitantes da Península Hispânica.

Palavras-chave: Suevos; Idácio; Isidoro de Sevilha

### **Abstract**

The arrival of the Suevi, Vandals, Alans and Visigoths at the Iberian Peninsula as well as their relationship to the Roman Empire and the local populations have been described, although with distinct purposes, by two Hispanic bishops: Hydatius of Chaves and Isidore of Seville. The first one, a contemporary of those events, paid special attention to the Suevi. The second one, Isidore of Seville, wrote two centuries later. He focused on a period much longer than that covered by Hydatius, highlighting in his narrative the deeds of the Visigoths. Despite that, he also gave some attention to the Suevi.

In this paper, our aim is to verify the treatment that was given by both authors to the Suevi, underlying those aspects related to activities of looting and the relationship to the Roman power, the Visigoths, and the Hispanic populations of the peninsula.

Keywords: Suevi; Hydatius; Isidore of Seville

## 1. Considerações Introdutórias

A chegada dos suevos, vândalos, alanos e visigodos na Península Hispânica e sua relação com o Império Romano e populações locais foram retratadas, embora com objetivos distintos, por dois bispos hispânicos: Idácio de Chaves e Isidoro de Sevilha. O primeiro, contemporâneo dos fatos, reservou uma atenção especial aos suevos, cujas movimentações ocorreram, sobretudo, na região da qual procedia. O segundo, Isidoro de Sevilha, distante temporalmente do ocorrido por dois séculos, enfocou um período mais amplo do que o abordado por Idácio, destacando em seu relato as façanhas dos visigodos. Apesar disto, também conferiu alguma atenção aos suevos.

No presente texto, objetivamos verificar o tratamento concedido por ambos aos suevos, com ênfase nos aspectos concernentes à atividade depredatória e à correlação de forças estabelecida com o poder romano, com os visigodos e com os habitantes da Península Hispânica. Nesse intuito, valorizamos o fato de que os autores integravam a elite episcopal, seus textos, para além dos propósitos declarados, evidenciaram anseios e preocupações compartilhados pelos membros do segmento social a que se vinculavam. Assim, a despeito das especificidades que caracterizaram cada uma das narrativas, os dois escritos revelam aspectos das relações de poder do ambiente em que os dois bispos viveram e produziram.

## 2. Idácio e a *Crônica*

Grande parte das informações que temos sobre Idácio pode ser deduzida do texto que escreveu. Tal fato tem proporcionado aos especialistas um vasto campo à formulação de hipóteses, já que o autor apenas periféricamente forneceu informações a seu próprio respeito. De qualquer modo, alguns dados biográficos são aceitos, se não consensualmente, pela maioria dos estudiosos.

Idácio nasceu, conforme ele mesmo anunciou no prefácio de sua obra, na província da *Gallaeciae*, na cidade de Lêmica. Sua data de nascimento é incerta, tendo provavelmente ocorrido em torno do ano 400 (Vilella 1999: 41). Sua origem social, como os de muitos que em sua época alcançaram a dignidade episcopal, era aristocrática (Díaz Martínez 2011: 36). De acordo com a historiografia, sua família se vinculava à administração imperial e aos grupos de poderes locais associados à terra (Hidacio 2004: 23; Garcia Moreno 1976: 31; Vilella 1999: 41).

Idácio manteve desde a infância estreitas ligações com o Cristianismo. De acordo com seu relato, ainda criança esteve no Oriente onde conheceu Jerônimo, o que, certamente, indica a procedência cristã de seus pais. Ao ser elevado à categoria de bispo, em 427 estava, portanto, em sintonia com os valores prezados no ambiente familiar, ao mesmo tempo em que atendia aos anseios sociais, na medida em que ocupava o ativo lugar de autoridade religiosa e política local.

Segundo Garcia Moreno, Idácio teria consciência das dificuldades enfrentadas pelo Império Romano (1976: 41). Sua atuação, seja como escritor, seja participando do contexto político da época, levou em conta tal dado. Considerando o quadro geral de perda de capacidade efetiva do Império para garantir o atendimento das demandas locais, as elites autóctones, pouco a pouco, assumiram o papel anteriormente exercido pelas autoridades imperiais. Não é por acaso, portanto, que o zelo idaciano na defesa

dos interesses das populações galaicas frente às ações suevas é um dos aspectos mais marcantes em sua *Crônica*.

A *Crônica* foi escrita provavelmente nos últimos anos de vida de Idácio (Torres Rodriguez 1956: 755), em 469 ou pouco antes. Seu objetivo declarado consistia em dar continuidade às crônicas de Eusébio de Cesaréia e Jerônimo e, portanto, fazer o que entendia ser uma história universal. Embora tenha fornecido algumas informações sobre o Oriente e as vicissitudes imperiais e visigodas, o cerne de sua narrativa esteve nos acontecimentos diretamente relacionados à Península Hispânica. Assim, compreendendo o período de 379 a 469, o autor apresentou cronologicamente os fatos por ele tidos como relevantes.

As fontes utilizadas por Idácio são restritas. Segundo Cardelle de Hartmann (1992: 241-256), podemos concluir que tal escassez tenha decorrido do isolamento que caracterizou a *Gallaeciae*, especialmente, após da segunda década do século V. Poucos escritos teriam chegado à região na época em que viveu, tendo Idácio, desse modo, consultado apenas os que já possuía ou tivera acesso anteriormente, como a Vulgata, a *Crônica* e a *Vida de Martinho de Tours* de Sulpício Severo, o *Cômputo Pascal* de Teófilo de Alexandria, o *Breviculus* de Agostinho, a *Crônica* e os escritos contra o Pelagianismo de Jerônimo (Cardelle de Hartmann 1992: 244-256).

Tributário especialmente de Jerônimo, Idácio herdou da sua principal referência intelectual, entre outros traços, o pessimismo que carregava (Díaz Martínez 2011: 40). Acreditava no iminente fim dos tempos e estava certo de que a chegada dos germanos à península prenunciava os momentos derradeiros da espécie humana (Arce 2007: 23). Desesperançoso e escatológico, Idácio possui ainda outras facetas que são reveladas ao longo de seu texto. Dentre estas, destaca-se sua forte ligação com a romanidade, elemento reforçado também por sua vinculação a Jerônimo. Ao buscar, conforme declarou, seguir os passos do mestre, Idácio adotou o enfoque sucinto e o tom pretensamente objetivo (García Moreno 1976: 32).

### 3. Os suevos na *Crônica* de Idácio<sup>3</sup>

Torres Rodriguez recorda que, a despeito da pretensão idaciana de história universal, o bispo de Chaves realizou uma história da Galiza e dos suevos (1956: 766). As muitas menções aos suevos indicam inegavelmente seu papel de destaque em relação aos demais grupos aludidos. Os suevos foram lembrados a propósito de um conjunto diverso de situações. Buscando, entretanto, em consonância com o objetivo deste texto, verificar o tratamento conferido por Idácio e Isidoro aos suevos, elegemos dois aspectos que passamos a analisar.

#### 3.1. Os suevos e o envolvimento em atividades depredatórias

Os suevos, juntamente com vândalos e alanos, identificados como bárbaros por Idácio, entraram em 409 na Península Hispânica (§ 42). Dois anos depois, em 411, teriam participado da divisão da região, do que resultou a ocupação por parte destes da área extrema ocidental da península.<sup>4</sup> Embora Idácio registre os acontecimentos referentes a cada ano, apenas quase duas décadas após a referida partilha, os suevos voltaram a ser particularmente lembrados pelo autor.<sup>5</sup>

Em 429, os suevos foram, portanto, pela primeira vez especialmente mencionados. Tal lembrança, contudo, há que frisar, não salientou a ação do grupo

como um todo, já que se relacionava à pilhagem da Lusitânia “pelo suevo Heremigário”(§ 90), provavelmente, um chefe militar sobre o qual não sabemos sequer se atuava sob ordens do rei Hermerico. De qualquer modo, o episódio marca o início de uma longa série de alusões.

O ano seguinte, 430, parece fornecer a chave para a compreensão do enfoque que Idácio conferiu aos suevos em seu escrito, a partir desse momento. Nesta ocasião, diferentemente das primeiras referências feitas, os suevos não apareceram mais como coadjuvantes em atividades bélicas sob a designação genérica de “bárbaros” e/ou se encontravam sob comando de alguma liderança de autoridade duvidosa. Nesta ação registrada por Idácio era o monarca Hermerico que conduzia os suevos. O mais relevante na passagem em questão, contudo, diz respeito ao fato das “*medias partes Gallaeciae*” terem sido depredadas (§ 91).

Para além da eventual violência do ocorrido, aqui cabe ressaltar o fato de que a região se encontrava em alguma medida compreendida na área sobre a qual Idácio detinha alguma responsabilidade política. Justifica-se, pois, que no ano seguinte, 431, o próprio cronista participasse de uma embaixada destinada a buscar ajuda junto a Aécio, general romano que se encontrava nas Gálias.

As tentativas de acordos com os suevos se estenderam, conforme atesta a *Crônica*, pelo ano de 432 e culminaram com um tratado, em 433. (§ 100). O processo de negociação, que buscava manter a paz entre as populações galaicas e os suevos, serviu ainda como pretexto para as referências ao grupo nos anos de 438 e 440.

Em pelo menos dez citações, entre os anos de 440 e 459, Idácio sublinhou os saques e as pilhagens dos suevos em várias regiões da península: Mérida (§ 119); Sevilha (§ 123); Cartaginense e Bética (§ 134); regiões ulteriores de Mérida (§ 137); País Basco (§ 140); Saragoça e Lérida (§ 142); Cartaginense (§ 168); Tarraconense (§ 169 e 172), e Lusitânia (§ 188).

Em 459, a *Gallaeciae* voltou, segundo o autor, a ser assolada e o quadro se repetiu em 461. De 462 ao fim da *Crônica*, além da própria *Gallaeciae*, os suevos teriam investido contra Lugo (§ 199 e 202); o entorno de Orense (§ 202); Coimbra (§ 229); os aunonianos (§ 233 e 239); Conimbriga (§ 241); Lisboa (§ 246), e Astorga (§ 249).

Os acontecimentos do ano de 462, entretanto, definitivamente condicionaram a visão que Idácio tinha dos suevos. Embora o tom do escritor, via de regra, indique seu perfil moralista, sua abordagem sucinta não promoveu longos comentários acerca de punições e prêmios. Assim, surge como particularmente interessante sua declarada satisfação diante da “morte merecida” de Maldraz, um dos líderes suevos (§ 198). Em relação ainda a este ano, o bispo informou que fora aprisionado e levado como refém, situação que se manteve por três meses.

Considerando que sua obra foi escrita por volta do período em que havia sido mantido como prisioneiro (Vilella 1999: 51), não nos surpreende, portanto, que o autor se interessasse em registrar mais amiúde a movimentação dos suevos pela Península Hispânica do que de qualquer outro grupo por ele considerado bárbaro. Com estes manteve inegavelmente um relacionamento mais próximo, seja pela investida sueva realizada na *Gallaeciae*, seja por lhe terem mantido em cativeiro.

### 3.2. A correlação de forças entre os suevos, as populações locais, os visigodos e o Império Romano

A despeito das muitas referências feitas aos suevos por Idácio, a capacidade militar do grupo era inegavelmente restrita. De acordo com o seu registro, o tipo de atuação privilegiada pelos suevos, em mais de uma oportunidade, demonstrou tal fragilidade, não apenas em comparação aos demais povos, e ao desgastado Império Romano, mas também no que dizia respeito às populações locais.

Além do fato, aliás, compartilhado pelos outros grupos germanos, de que numericamente representavam um percentual muito pequeno das populações locais,<sup>6</sup> podemos tratar daquela inferioridade bélica vinculando-a à recorrência com que os suevos foram atores de acordos diplomáticos.

A participação por si só em tais acordos, alianças e negociações não caracterizaria uma situação especial de debilidade dos suevos. As condições do seu envolvimento em tais circunstâncias, entretanto, evidenciam recorrentemente falta de alternativas e desfechos que, se não lhes foram totalmente desfavoráveis, estiveram longe de representar ganhos significativos. Vejamos:

A primeira menção feita à participação dos suevos em acordos remonta ao ano de 411, ocasião em que a partilha da península fora feita. Ainda que o critério para a distribuição dos territórios não seja facilmente identificado, é possível, como destaca Díaz Martinez (2011: 54), que tenha resultado das forças demográficas e militares dos invasores.

Em 430, ao atacarem as áreas interiores da *Gallaeciae*, os suevos foram surpreendidos com a reação da população local (§ 91). A despeito do prejuízo que teriam causado, foram obrigados a negociar. A morte de alguns e a existência de prisioneiros nas mãos dos galaicos condicionaram os termos do entendimento que, conforme indicam os acontecimentos posteriores, não foi vantajoso para os suevos.

Em 432, o *comes* Censório teria sido enviado como embaixador aos suevos (§ 98), que no ano seguinte chegaram a um acordo com os galaicos (§ 100). Não há na *Crônica*, mais uma vez, menção a qualquer vantagem decorrida desse tratado para os suevos. O fato de o texto idaciano registrar que, no ano de 438, os suevos voltaram a estabelecer a paz com os galaico-romanos (§ 113) indica que não cumpriram o acordo anteriormente firmado. Poderíamos, seguindo a lógica de Idácio, atribuir tal rompimento ao seu “costume e habitual traição” (§ 188), preferimos, entretanto, concluir que os termos antes estabelecidos não atendiam plenamente aos interesses dos suevos.

Em 452, mais uma vez, os suevos foram citados a propósito de acordos. Dessa vez, teriam recebido uma embaixada romana que, após o referido encontro, retornara com a notícia de restituição da província Cartaginense. A região, sob o jugo suevo (Hydace 1974, V. 2, 95), foi, portanto, reincorporada ao domínio romano. Em 456, os suevos voltaram a saqueá-la (§ 168) estimulados pelas dificuldades que o Império enfrentava com a morte de Valentiano III e, certamente, em razão dos seus próprios interesses não atendidos pelo antigo tratado realizado.

Superestimando sua própria capacidade, os suevos, sob o comando do rei Requiário, a despeito da pressão dos visigodos, que participaram como federados (§ 170 e 172) de novas embaixadas, teriam violado os termos ajustados e pilhado a província Tarraconense. O desfecho sublinha, mais uma vez, o já assinalado, a freqüente atuação diplomática dos suevos relacionava-se a sua inferioridade bélica. Assim, na única

ocasião em que, mesmo sob ameaça, não recuaram, sofreram a mais importante derrota registrada por Idácio. Em 457, após intervenção militar visigoda, foram praticamente dizimados. O impacto do ocorrido levou, inclusive, o cronista a afirmar que o reino dos suevos havia sido destruído (§ 175).

Apenas oito anos após o episódio anteriormente descrito, em 465, os suevos voltaram, conforme indica a *Crônica*, a se reorganizar. Sob Remismundo, mantiveram intensas relações diplomáticas com os visigodos, aos quais, não há dúvidas, estavam nesta altura subordinados (Torres Rodriguez 1977: 149). As alusões às embaixadas que foram organizadas por suevos e visigodos aparecem nos quatro anos seguintes, ou seja, até o fim da *Crônica*. Tais dados nos informam sobre o envio de uma princesa visigoda como esposa a Remismundo (§ 226), a imposição do arianismo como fé aos suevos (§ 232) e a interferência visigoda limitando a ação depredatória dos suevos na região dos aunosianos. Em suma, os registros feitos por Idácio ao final da *Crônica* indicam que restava aos suevos a negociação na clara condição de tutelados pelos visigodos.

#### 4. Isidoro e as *Histórias dos suevos*

Isidoro de Sevilha afirmou-se como uma das mais importantes figuras eclesiásticas do ocidente medieval não só por sua significativa produção literária, como também por sua decisiva atuação no plano político-ideológico no contexto de consolidação do reino visigodo na Península Hispânica durante o século VII.

Nascido na região da Bética, por volta de 560, em uma família hispano-romana de forte atuação eclesiástica e inserida na estrutura administrativa local, Isidoro desfrutou dos benefícios de uma sólida formação clássica. Elevado à dignidade episcopal, em 601, deixou o cargo apenas por ocasião de sua morte em 636.

O conjunto de sua obra, de forte teor doutrinário e disciplinar, representou um testemunho privilegiado da síntese germano-latina (Fontaine 1990: 270-271), sendo um dos seus maiores méritos literários a cristianização de variados aspectos da cultura clássica (Díaz y Díaz 1976: 36- 37).

Isidoro se tornou peça-chave nos conflitos político-religiosos de seu tempo. A favorável situação do catolicismo no período posterior à conversão do monarca Recaredo em 587 contribuiu, decisivamente, para que o bispo sevilhano se convertesse no principal articulador entre o episcopado peninsular e a monarquia no contexto de unificação político-religiosa, esforço que objetivava a hegemonia visigoda na Península Hispânica.

Seu relato não possui precisão de dados, nem tão pouco rigidez cronológica, tendo como principal preocupação a questão moral de seus personagens. Isso o torna, em grande medida, próximo de um panegírico do povo godo e seus monarcas, o que realça seu tom didático e apologético.

A despeito das diferentes interpretações sobre seu processo de produção (Martín Iglesias 2002: 2-3), em linhas gerais, a obra de Isidoro se apresenta sob duas diferentes formas, a versão longa e a versão breve. Esta duplicidade gerou uma polarização nas abordagens dos especialistas, levando um grupo a trabalhar com a idéia de dependência/interpolação entre as versões, pautada na complementaridade entre ambas, ao passo que o outro destaca a independência das duas versões (Isidoro de Sevilla 1975: 26-49). Considerando a maior possibilidade, nos limites do presente texto, de uma

análise em perspectiva comparada com a obra de Idácio, indicamos nossa opção pela análise da versão breve.

Tal versão enfatiza a história dos godos desde sua origem, associada aos escitas, até o reinado de Sisebuto em 619, quando teria sido escrita. Alicerçado na obra idaciana, Isidoro, excetuando suas próprias suposições, não teria acrescentado nenhum dado à narrativa do bispo de Chaves, no que se refere aos suevos (Díaz Martínez 2011: 42). Paralelamente, apresenta certa deficiência nas cronologias hispana e imperial no que tange à história dos vândalos e dos suevos, o que pode ser entendido como um indício do principal interesse do autor, os godos.<sup>7</sup>

Considerando as duas versões, acredita-se que Isidoro, além de ter sido original no relato de alguns eventos e períodos de sua narrativa, utilizou-se basicamente de Eusébio de Cesaréia e Jerônimo para o intervalo que vai até 378; no que diz respeito especificamente à *Hispania*, Idácio para o período de 379 a 469, Orósio na faixa que cobre até 417 e, por fim, Juan de Biclara, de 569 a 590 (Isidoro de Sevilla 1975: 21).

## 5. Os suevos nas *Histórias* de Isidoro de Sevilha

Conforme sinalizado por Rodriguez Alonso (Isidoro de Sevilla 1975: 20), os trechos referentes às ações dos outros grupos germânicos, que não os godos, compreendidos nas *Histórias* apresentam-se como apêndices. A exemplo disso, a *História dos suevos* constitui uma narrativa imprecisa e fragmentada.<sup>8</sup> Seguindo seu perfil reducionista, a versão breve da *História dos suevos* restringe-se a oito parágrafos (Isidoro de Sevilla 1975: 311-321; c.85-92 vl.),<sup>9</sup> dos quais apenas seis se referem ao mesmo período abordado por Idácio (Isidoro de Sevilla 1975: 311- c. 85-90 vl), ou seja, da chegada dos suevos à península até o reinado de Remismundo. Apesar disso, o total de dados aos quais temos acesso, permite-nos vislumbrar a visão de Isidoro acerca do processo de inserção dos suevos no contexto peninsular de rearranjo político. Passemos à análise dos dois aspectos eleitos:

### 5.1. Os suevos e o envolvimento em atividades depredatórias

No relato acerca dos suevos, pudemos verificar um total de cinco referências as suas ações depredatórias. Todavia, uma leitura mais atenta destes fragmentos evidencia elementos que, indubitavelmente, contribuem para a reconstituição das relações de poder internas e externas aos suevos. Neste sentido, destacamos o processo de assentamento no território peninsular, as disputas internas pelo poder real e a articulação com o contingente visigodo.

A primeira alusão, encontrada logo no início da obra, trata da entrada do grupo na península. Nela, informou-se que os suevos teriam realizado tal feito por ordem de seu rei, Hermerico, e que juntamente com os vândalos ocuparam a área da *Gallaeciae*.<sup>10</sup> Logo a seguir, Isidoro chamou a atenção para o domínio galaico em grande parte da dita região, o que teria levado o monarca suevo a desencadear ali várias ofensivas (Isidoro de Sevilla 1975: 311; c. 85 vl). A partir desse ponto, os relatos de práticas depredatórias remetem-se a duas questões específicas: ao relacionamento com os visigodos e às crises internas do grupo.

Na narrativa, de modo implícito, os períodos de proximidade aos visigodos aparecem freqüentemente associados a episódios de depredação. As alianças

matrimoniais entre suevos e godos, assim como os acordos de paz, estiveram, portanto, interligados a ataques contra centros urbanos peninsulares. Nesse sentido, as passagens do texto isidoriano referentes aos períodos dos monarcas suevos Requiário e Remismundo se assemelham. O primeiro, após regressar do encontro com o monarca visigodo Teodomiro, de quem desposara a filha, teria depredado, com a ajuda dos contingentes de seu sogro, a região de Saragoça. Por esta ocasião, o líder suevo também teria, por engano, entrado em Lérida, onde fizera vários prisioneiros (Isidoro de Sevilla 1975: 313; c. 87 vl). O segundo, em seu terceiro ano de governo, teria saqueado a cidade de Coimbra, ocupado Lisboa, e, posteriormente, articulado a paz com os galaicos. Ele igualmente, a exemplo de Requiário, desposara uma filha de monarca godo objetivando uma aliança (Isidoro de Sevilla 1975: 317-319; c. 90 vl).

As práticas depredatórias suevas também aparecem no relato de Isidoro em associação aos momentos de crise política interna do grupo, ou seja, aos períodos em que as duas disputas pelo poder real são relatadas na *História dos suevos*. Assim, após a morte de Requiário, dois líderes teriam sido reconhecidos concomitantemente por diferentes facções, Maldraz e Frontão. De acordo com o autor, tão logo ficara caracterizada a cisão, o primeiro teria saqueado a região da Lusitânia, onde provocara a morte de muitos romanos. Com pretexto de paz, ele também teria entrado em Lisboa. Restabelecida a unidade dos suevos, com a morte de Frontão, Maldraz teria ainda saqueado parte da *Gallaeciae*, nos limites do rio Douro (Isidoro de Sevilla 1975: 315; c. 88 vl).

Na sucessão de Maldraz, os suevos teriam testemunhado uma nova disputa pelo poder. Desta vez, Frumário enfrentou a Remismundo, filho do antigo soberano. Neste contexto, o aspirante ao trono teria devastado a cidade de Chaves, ao passo que o herdeiro e futuro rei, Remismundo, fizera o mesmo com as imediações dos auregenses e a costa lucense (Isidoro de Sevilla 1975: 317; c. 89 vl).

Ainda que a exposição de Isidoro não nos proporcione dados evidentes que corroborem uma situação de fragilidade no que concerne à política externa dos suevos, fornece-nos indícios a respeito. Aqui cabe destacar a relevância assumida pelos contingentes godos nas atividades de saque a cidades, realizadas, segundo a perspectiva de Isidoro, pela iniciativa sueva. O autor não rascunhou os sinais de uma dependência ao poderio visigodo, mas sim uma relativa debilidade militar sueva. Apesar disso, sua narrativa foi construída com base em uma suposta equivalência, ou melhor, independência de ambos os grupos, aspecto que camuflou o processo de expansão visigoda. Esta opção, concomitantemente, buscou responsabilizar os suevos pelas referidas ações armadas, deslocando os visigodos a um papel de coadjuvante em práticas violentas.

## **5.2. A correlação de forças entre os suevos, as populações locais, os visigodos e o Império Romano**

Em conformidade com sua abordagem concisa, Isidoro fez poucas referências às práticas suevas de negociação política, sobretudo por meio de embaixadas e delegações. Sobre o tema, o escasso número de informações indicou três eixos de força: o constante conflito com os romanos, na condição de representantes da autoridade oficial; sua articulação com os visigodos e sua instável relação com as populações autóctones.

No aspecto que tange ao conflito com os romanos, Isidoro citou duas passagens. A primeira, no início da narrativa, fez menção à batalha ocorrida próxima ao rio *Singilio* na Bética, quando Réquila, por ordem de seu pai, o monarca Hermerico, teria enfrentado, com toda sua tropa, o general romano Andevoto, possibilitando uma relativa expansão territorial aos suevos (Isidoro de Sevilla 1975: 311; c.85 vl).

Outra evidência do conflito entre suevos e a autoridade romana foi retratada no episódio do saque à Lusitânia realizado por Maldraz, no período em que disputava o poder com Frontão (Isidoro de Sevilla 1975: 315; c.88 vl). Nele, o líder suevo não só teria cometido uma grande matança contra os romanos, como também se apoderado de seus bens.

A interação com os visigodos, marcada por elementos omitidos por Isidoro, como a debilidade bélica sueva e o latente expansionismo visigodo, efetiva-se e consolida-se, na narrativa, por dois mecanismos: as alianças matrimoniais e os acordos de paz. No primeiro relato, o autor nos induz à compreensão de que o apoio dos visigodos, traduzido em auxílio militar, teria sido fruto de uma aliança política decorrente do matrimônio do monarca suevo Requiário com a filha do rei visigodo Teodorico (Isidoro de Sevilla 1975: 313; c. 87 vl). Consideremos, também, o enlace matrimonial do monarca suevo Remismundo, com outra princesa visigoda, filha de Teodorico II, que teria sido, juntamente com o envio de armas, a resposta visigoda à proposta de paz levada por representantes suevos (Isidoro de Sevilla 1975: 317; c. 90 vl). De uma forma ou de outra, o tom de equidade atribuído à relação entre suevos e visigodos omite tanto as diferenças concretas entre eles, como também questões de ordem política como o expansionismo visigodo e sua vinculação ao império como *federados*, o que fez com que sua interação com os outros grupos germanos fosse bastante instável.

Ao expansionismo antes mencionado, devemos, inclusive, atribuir o fim do reino suevo (Santiago Castellanos 2007: 105). Sob Leovigildo, conforme nos informa Isidoro, a região passou ao domínio visigodo. Aqui, curioso observar, o autor opta por salientar não a violência da ação visigoda, mas o fato de que o monarca suevo que ora liderava o grupo se tratava de um usurpador. Este, portanto, teria recebido pela ação dos visigodos o castigo merecido por seus atos contra o monarca anterior (Isidoro de Sevilla 1975: 321; c. 92 vl).

No que concerne ao trato dos suevos com as populações autóctones, a narrativa isidoriana fornece duas relevantes menções, ambas datadas do período do monarca Remismundo. No primeira, ele teria obtido a paz com os galaicos logo após a morte de seu oponente Frumário, quando todos os suevos voltaram ao seu comando (Isidoro de Sevilla 1975: 317; c. 89 vl). No outro caso, ele teria ocupado Lisboa e designado um cidadão da própria cidade, Lusídio, para custodiá-la (Isidoro de Sevilla 1975: 319; c. 90 vl). Em ambas as situações, é perceptível a preocupação com o apoio das populações locais.

Considerando o reduzido número da população sueva, sua relativa fragilidade bélica, sua longa permanência no noroeste peninsular e a força dos galaicos na região (1975: 311; c. 85 vl), parece-nos razoável a utilização de outros recursos pelos suevos, que não os armados, no trato com os demais grupos, como já assinalamos na análise desse aspecto em relação à obra de Idácio. Apesar disso, Isidoro apresenta os suevos como grupo politicamente instável. Ao dar ênfase aos processos internos de crise deste grupo, o autor desqualificou as iniciativas diplomáticas suevas, ressaltando suas ações armadas.

## 6. Conclusão:

A despeito da natureza distinta das duas obras, Idácio e Isidoro se aproximam em alguns pontos. Ambos se interessavam pela produção escrita, na perspectiva da construção do que consideravam ser um registro histórico. O primeiro declarou, inclusive, tal propósito ao afirmar que pretendia dar continuidade aos trabalhos realizados por Eusébio e Jerônimo, produzir, portanto, uma história universal. O segundo, a despeito de ter indicado que faria a história dos godos, vândalos e suevos, pouca atenção conferiu aos dois últimos.

Muito embora anunciem direta ou indiretamente suas intenções universais, os dois escritores se voltaram quase que exclusivamente para a Península Hispânica. As demais regiões apenas periféricamente foram mencionadas em suas obras. Nem mesmo o saque de Roma, brevemente lembrado por ambos, mereceu a atenção que, em tese, um episódio como este deveria ter recebido em relatos que se pretendiam tão abrangentes.

Lembremos ainda que os dois autores prezavam intensamente a herança romana e desfrutaram das mesmas influências literárias, o que fez com que o providencialismo e o tom moralizante fossem marcas presentes em seus textos. Os castigos, fracassos, benefícios e sucessos revelavam, portanto, de acordo com a argumentação fundamental dos autores, a intervenção divina.

Apesar das convergências, relacionadas especialmente ao fato de que ambos eram representantes de segmentos sociais elevados e que pertenciam à alta hierarquia eclesiástica, os diferentes contextos e interesses específicos forjaram as peculiaridades de cada autor. Idácio produziu na condição de bispo que, estarecido, presenciava a entrada e atuação na península de grupos não subordinados às autoridades imperiais. Diretamente envolvido em alguns dos episódios, o autor de Chaves assistiu o ruir de parte das instituições e valores nos quais se pautava. Isidoro escreveu buscando promover os visigodos. As trajetórias dos suevos e vândalos interessava apenas na medida em que em algum momento interferia na do grupo que buscava valorizar.

Os saques e as depredações cometidos pelos germanos apareceram na narrativa idaciana como manifestações extremas de violência. Os mesmos episódios, assim como os adicionados até o século VII, no relato isidoriano possuem outro enfoque. Os visigodos foram convertidos em coadjuvantes nas ações de saque em que participaram com os suevos, numa suposta relação de equidade com estes. Nem mesmo a condição de clara debilidade militar ostentada pelos últimos fez com que Isidoro conferisse aos visigodos o seu real papel de atores belicosos.

As alusões às relações que suevos e visigodos estabeleceram entre si, com as populações peninsulares e com o poder romano estiveram marcadas no texto idaciano, respectivamente, pela superioridade visigoda, pela hostilidade e pela alternância entre alianças e atritos. O mesmo não pode ser deduzido da análise do relato produzido pelo sevilhano, que buscou sublinhar a relativa autonomia dos visigodos, atribuindo, assim, aos suevos a responsabilidade de todas as ações agressivas.

Se Idácio buscou expor a imagem dos suevos como bárbaros e saqueadores, Isidoro não fez diferente. Considerando os interesses envolvidos na conjuntura em que os dois escritores produziram seus textos, não restou aos suevos o registro de outra sentença que não a conferida por Idácio. Ou seja, como já tivemos oportunidade de mencionar, Isidoro em certa medida reproduziu Idácio. Assim, tendeu a repetir o que o bispo de Chaves afirmara sobre os suevos.

## Bibliografía:

### Documentos medievais impressos:

- HYDACE. *Chronique*. Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy. Paris: Cerf, 1974. 2 v. (Sources Chrétiennes, 218).
- HIDACIO. *O Cronicon de Hidacio. Bispo de Chaves*. Introducción y notas César Candelas Colodrón. A Coruña: Texosoutos, 2003.
- IDACIO. *Crónica*. Versão e anotações de José Cardoso. Braga: Universidade do Minho, 1982.
- ISIDORO DE SEVILLA. *Historia de los Godos, Vándalos y Suevos*. Estudio, edición crítica y traducción de Cristobal Rodriguez Alonso. León: Caja de Ahorros y Monte de Piedad de León y El Archivo Histórico Diocesano de León, 1975.

### Bibliografía específica:

- ARCE, Javier. *Bárbaros y romanos en Hispania*. Madrid: Marcial Pons, 2007.
- CARDELLE DE HARTMANN, Carmen. Las lecturas de Hidacio de Chaves: Notas sobre la recepción literaria en la Gallaecia del s. V. *Minerva: Revista de Filología Clásica*, n. 6, 1992, p. 241-256.
- COLLINS, Roger. *La España Visigoda. 409-711*. Barcelona: Crítica, 2005.
- DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. *De Isidoro al siglo XI*. Barcelona: Albir, 1976.
- DÍAZ MARTINEZ, Pablo. C. *El reino suevo (411-585)*. Madrid: Akal, 2011.
- FONTAINE, J. Isidoro de Sevilla. Padre de la cultura europea. In: CANDAU, J. M., GASCÓ, E & RAMÍREZ DE VERGER, A. (Eds). *La conversión de Roma. Cristianismo y paganismo*. Madrid: Clasicas, 1990, p. 259-285.
- GARCIA MORENO, Luis A. Hidacio y el ocaso del poder imperial en la Península Ibérica. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, v. 79, n. 1, 1976, p. 27-42.
- MARTÍN IGLESIAS, Jose Carlos. La transmisión del saber durante la Edad Media y la labor filológica. *Cuadernos del Marqués de San Adrián*, 1, 2002. Disponible em: [http://www.uned.es/ca-tudela/revista/index\\_publici.htm](http://www.uned.es/ca-tudela/revista/index_publici.htm). Acceso em 13/11/2010.
- MARTÍN IGLESIAS, Jose Carlos. La Crónica Universal de Isidoro de Sevilla: circunstancias históricas e ideológicas de su composición y traducción de la misma. *Iberia: Revista de la Antigüedad*, n. 4, 2001, p. 199-236.
- ORCÁSTEGUI, Carmen et SARASA, Esteban. *La Historia en la Edad Media*. Madrid: Cátedra, 1991.
- ORLANDIS, Jose. *Historia de España. La España visigótica*. Madrid: Gredos, 1976.
- SÁNCHEZ HERRERO, J. El pensamiento histórico, escriturístico, teológico y eclesiástico o litúrgico y ascético de San Isidoro. In: GONZALEZ FERNÁNDEZ, Julián. (Coord.). *San Isidoro: doctor de las Españas*. Sevilla, León, Cartagena: Caja Duero. Fundación Cajamurcia. Fundación El Monte, 2003, p. 136-169.
- SANTIAGO CASTELLANOS. *Los godos y la cruz. Recaredo y la unidad de Spania*. Madrid: Alianza, 2007.
- TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. El Cronicón de Hidacio. *Compostellanum*, Santiago de Compostela, 1956 (separata), p. 257-273.
- TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. *El reino de los suevos*. La Coruña: Fundación "Pedro Barrie de la Maza Conde Fenosa". Instituto "P. Sarmiento" de Estudios Gallegos, 1977.

TORRES RODRIGUEZ, Casimiro. Hidacio, el primer cronista español. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, v. 62, n. 3, 1956, p. 755-794.

VILELLA MASANA, J. Idacio, un cronista de su tiempo. *Compostellanum*, v. 44, 1999, p. 39-54.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Este artigo, com ajustes, reproduz parte do capítulo intitulado “Relações de poder na *Crônica* de Idácio e nas *Histórias* de Isidoro de Sevilha: um estudo comparado sobre suevos e visigodos” publicado em LESSA, F. S. (Org.) *Poder e Trabalho: Experiências em história comparada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 35-58.

<sup>2</sup> Professora substituta do Instituto de História da UFRJ. Colaboradora do *Programa de Estudos Medievais* da UFRJ.

<sup>3</sup> Ao longo do texto, nas referências à *Crônica*, indicaremos os parágrafos assinalados entre parênteses.

<sup>4</sup> Os vândalos asdingos ocuparam a Galécia, os alanos as províncias da Lusitânia e da Cartaginense e os vândalos silingos a Bética.

<sup>5</sup> Em 419 e 420 os suevos são mencionados pelos conflitos nos quais se envolvem com os vândalos. Cf. § 71 e 74.

<sup>6</sup> De acordo com Colodrón, a população galaico-romana girava em torno de 700 mil. Em relação aos suevos, apesar das opiniões a respeito oscilarem quanto ao número exato, há certo consenso que aponta para um número em torno de vinte mil homens. Cf.: Hidacio 2003: 46 e Collins 2005: 18.

<sup>7</sup> A versão longa, escrita entre 620 e 624, por sua vez, tem como principal traço seu caráter apologético. Há forte influência do modelo orosiano, sendo o componente religioso a base de sua estrutura. Cobrindo um período que remonta às origens bíblicas dos godos até o quinto ano do reinado de Suintila, o ano de 624, esta versão, em conformidade com uma abordagem moralizante, valoriza os exemplos de monarcas, bem ou mal sucedidos. Merece também destaque a inclusão de um prólogo e um epílogo nesta versão que, há que destacar, foi a mais difundida da obra.

<sup>8</sup> Nesta narrativa são suprimidas informações que correspondem ao período entre os reinados de Remismundo e Teodomiro.

<sup>9</sup> Dadas as deficiências de referências temporais e de marcos na estrutura de texto, utilizaremos o seguinte recurso para as citações: indicação da página e do códice da versão longa correspondente, segundo a edição crítica de Rodríguez Alonso (Isidoro de Sevilla 1975).

<sup>10</sup> Algum tempo depois, os vândalos iniciam seu deslocamento em direção ao norte da África, deixando a região exclusivamente para os suevos.